



O ANDAR QUE ENSINA: A CAMINHADA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NO CURSO DE PEDAGOGIA

THE WALKING THAT TEACHES: WALKING AS PEDAGOGICAL PRACTICE IN THE PEDAGOGY COURSE

Veronica Devens Costa¹

Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM

Resumo: Em um tempo contemporâneo marcado pela predominância das telas e pela diminuição da interação física, esse artigo explora a caminhada como prática metodológica transformadora. A ideia é propor o caminhar pela cidade de forma intencional, não como deslocamento ou um ato físico, mas sim, como uma estratégia que promove aprendizagens significativas e estimula a conexão entre o estudante, o espaço e o conhecimento. O estudo argumenta que a caminhada converte o ambiente em uma sala de aula a céu aberto, complementando o ensino tradicional ao oferecer oportunidades de observação, reflexão e diálogo a história e a cultura dos lugares. A metodologia se baseia no diálogo com autores como Careri (2002), Hooks (2022), Freire (2010), Derdyk (2023), que abordam temas como o desacelerar para observar o espaço, a interdisciplinaridade na construção do conhecimento e a importância do senso de pertencimento e identidade cultural. A análise destaca que a experiência da caminhada fomenta a interdisciplinaridade, conectando o físico e o mental, o individual e o coletivo, proporcionando uma compreensão holística do mundo. Ao promover a percepção de conexões entre objetos e suas aplicabilidades, a caminhada se revela como um instrumento potente para o exercício da prática pedagógica, revelando novas percepções sobre arte, cultura e pertencimento. A principal contribuição do artigo é evidenciar o potencial dessa prática para enriquecer a educação e formar indivíduos mais críticos e conectados com a sua realidade.

Palavras-chave: ensino da arte; formação de professores; caminhadas; interdisciplinaridade; cultura.

Abstract: In contemporary times, marked by the predominance of screens and the decline of physical interaction, this article explores walking as a transformative methodological practice. The proposal is to engage in walking through the city intentionally—not as mere displacement or a physical act, but as a strategy that fosters meaningful learning and strengthens the connection between the student, space, and knowledge. The study argues that walking transforms the environment into an open-air classroom, complementing traditional teaching by offering opportunities for observation, reflection, and dialogue with the history and culture of places. The methodology is grounded in dialogue with authors such as Careri (2002), Hooks (2022), Freire (2010), and Derdyk (2023), who address themes such as slowing down to observe space, interdisciplinarity in the construction of knowledge, and the importance of a

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professora no ensino superior e educação básica. <https://lattes.cnpq.br/7566957748954440>. <https://orcid.org/0009-0005-9377-325X>. Integrante do grupo de pesquisa Arte na Pedagogia, Representante estadual da Federação de Arte Educadores do Brasil, Integrante do Polo Arte na Escola, Integrante da Cátedra-Unesco, GT3 - Cidades que educam.



sense of belonging and cultural identity. The analysis highlights that the walking experience fosters interdisciplinarity by connecting the physical and the mental, the individual and the collective, thus providing a holistic understanding of the world. By encouraging the perception of connections between objects and their applications, walking emerges as a powerful instrument for pedagogical practice, revealing new insights into art, culture, and belonging. The main contribution of this article is to demonstrate the potential of this practice to enrich education and to foster individuals who are more critical and more deeply connected to their reality.

Keywords: art education; teacher's education; walking; interdisciplinarity; culture.

1 INTRODUÇÃO

Figura 1 – Caminhada Cidade de Vila Velha



Fonte: A autora.

Em um tempo em que as telas e ambientes fechados, onde o diálogo é minimizado e a interação física diminui, a prática intencional da caminhada se revela como uma abordagem pedagógica transformadora. Não nos reportamos a um mero deslocamento, mas sim, sugerimos uma estratégia inovadora capaz de promover aprendizagens significativas e estabelecer uma íntima conexão entre o estudante, o lugar e o conhecimento. Caminhar pela cidade transforma o espaço em uma aula a céu aberto, complementando o ensino tradicional ao oferecer uma oportunidade única para observar, refletir e dialogar com o ambiente, sua história e sua cultura.

A carreira docente é um caminho em constante aprendizagem, é complexa quando reconhece que o/a docente passa por várias etapas, e em cada uma vive suas



especificidades, seus desafios. Não é somente a vivência em sala de aula, mas toda a dinâmica da profissão, em cada etapa existem desafios. No início da carreira, existe a necessidade em dominar os conteúdos, buscar práticas pedagógicas que motivam os estudantes e refletir sobre se essas práticas possuem abordagens significativas e eficazes para seus estudantes.

A contemporaneidade é apresentada pela diversidade, pela complexidade, pelo multiculturalismo, e as instituições de ensino, precisam acompanhar todo esse movimento para oferecer um ensino que contemple a educação para o futuro com a formação de estudantes críticos e criativos.

Conforme evidencia Garcia, *apud* Nono e Mizukami (2006, p. 382),

[...] falar da carreira docente não é mais do que reconhecer que os professores, do ponto de vista do “aprender a ensinar”, passam por diferentes etapas, as quais representam exigências pessoais, profissionais, organizacionais, contextuais, psicológicas, etc., específicas e diferenciadas.

Se adaptar às exigências pessoais relacionadas ao exercício da docência, é fundamental para o aprimoramento e o crescimento profissional, pois contribuirá efetivamente para as exigências organizacionais, que envolvem toda a realidade cultural da escola, sua metodologia, seus projetos, a colaboração em equipe. A experiência em Arte sempre será subjetiva, individual, perceptiva e aberta novas interpretações e indagações, sempre haverá possibilidade de um novo olhar diante do que se vivencia, é um processo investigativo e analítico.

Este artigo tem como objetivo principal explorar o potencial da caminhada como uma prática pedagógica que, por meio da experiência e da interdisciplinaridade, fortalece o senso de pertencimento e a identidade cultural. Dialogamos com autores como Careri (2002), que nos convida a desacelerar e a observar o espaço urbano de forma sensível, e bell Hooks (2022), que nos provoca a refletir sobre a importância do pertencimento. Além desses autores, nos basearemos em Freire (2010) e Dewey (1979) para sustentar a visão de que o conhecimento é um processo dinâmico e contextualizado, construído a partir da relação com a realidade. Ao final, apresentamos a caminhada como uma ferramenta poderosa para a educação, capaz



de revelar percepções sobre arte, cultura e a complexidade das identidades individuais e coletivas.

2 DESENVOLVIMENTO

Figura 2 – Caminhada na Cidade de Vitória.



Fonte: A autora.

A cidade é um espaço importante para a educação, pois nos convida a ir além do conceito tradicional de sala de aula e a reconhecer o potencial pedagógico que o ambiente urbano oferece. Se transforma em um laboratório de aprendizagem que se confirma com a experiência estética, percebida pelos sentidos, ao caminhar pelas ruas somos expostos a uma infinidade de estímulos: os sons dos carros, o cheiro de uma padaria, as cores das pinturas e grafites, a textura e formas da arquitetura dos edifícios. Em cada elemento somos instigados para o conhecimento, ativando nossa curiosidade e incentivando a observação atenta.

Uma natureza em que a paisagem pela qual se acaba de passar já foi transformada em uma nova paisagem, onde também nossa presença é causa de novas mudanças e onde, para caminhar, é preciso ter uma estratégia ou - ao menos - um ritual (Careri, 2002, p. 14).

Poeticamente, Careri nos fala que a paisagem das cidades não é algo estático, que é pré-existente ou que está lá somente para que nós a observemos. Ele fala da



dinâmica e impermanência do ambiente, que não é um quadro fixo pois está em constante mudança. Nós também estamos em movimento, ao caminhar nos movemos, altera o fluxo de pessoas e a paisagem se renova, consequência da paisagem anterior. Não somos meros espectadores, mas agentes transformadores, nossa passagem deixa marcas simbólicas através da memória que criamos, do olhar que lançamos ao que nos provoca a observar, logo, ao caminhar também estamos criando. É essa a provocação que fazemos estrategicamente aos estudantes de Pedagogia, que observem o percurso conscientemente, em busca de algo novo e se conectem a um olhar contemplativo vivenciando a experiência em si, celebrando o movimento, a presença e a relação com o espaço. Caminhar pode ser uma prática estética, um ato de criação quando nos inserimos na paisagem e temos consciência que fazemos parte do todo.

A cidade como detentora e ao mesmo tempo produtora de pedagogias para os seus habitantes é uma construção possível na medida em que existe uma relação estreita entre a cidade e os seus cidadãos. (Arroyo, 1997, p. 25. apud Neta, 2019, p. 109). O autor destaca que a cidade não é apenas um espaço físico, mas um organismo vivo que ensina e é ensinado por seus habitantes. Essa ideia sugere que a cidade guarda, em sua estrutura, uma série de lições, contam histórias e transmitem conhecimentos sobre o passado e o presente. Ao se sentir parte da cidade o cidadão estabelece uma estreita relação, fortalecendo o senso de pertencimento. Essa troca de saberes e experiências se torna mais rica e poderosa. A cidade, então, se torna um reflexo de seus habitantes, e eles, por sua vez, se formam a partir do que ela oferece.

Os situacionistas², que atuaram de 1957 até o início da década de 1970, andavam à deriva pelas ruas de Paris. Para eles, essa prática, que chamavam de "anti-arte", servia para perceber o impacto físico e emocional do ambiente urbano sobre as pessoas. Liderado por Guy Ernest Debord, o grupo buscava trazer de volta

² Situacionistas - A Internacional Situacionista, grupo que surge em 1957 e se mantém atuante até o início da década de 70, teve como uma de suas questões principais dar visibilidade à perda de um certo "caráter lúdico" nas cidades. [...] os situacionistas propuseram uma nova forma de apropriação e percepção da arte, arquitetura e urbanismo, segundo uma ótica que os aproximava da vida cotidiana, mas ao mesmo tempo buscava trazer à tona a paixão e a emoção relacionadas à cidade. (Dias, 2007)



o "caráter lúdico" às cidades, propondo uma nova forma de apropriação e percepção da arte, arquitetura e urbanismo mais ligada à paixão e à emoção do cotidiano.

Figura 3 – *Situacionistas* (da esquerda para a direita, os fundadores da IS em Cosio di Arroscia (Itália): Giuseppe Pinot Gallizio, Piero Simondo, Elena Verrone, Michele Bernstein, Guy Debord, Asger Jorn e Walter Olmo).



Fonte: Fonte: https://artsandculture.google.com/asset/the-group-of-situationist-international/_QEGgBVILvIRjQ. Acesso em 08 de setembro de 2025.

Vivenciar experiências, sair da sala de aula, são práticas onde professores e alunos constroem novas relações, criam vínculos. Professores e alunos são expostos a novas realidades e contextos, a curiosidade fica a flor da pele e o pensamento crítico é estimulado. Os saberes aprendidos em sala de aula ganham um novo formato de apreensão e se torna mais significativo, o grupo dialoga e propõem novos formatos como o trabalho em equipe, colaborativo.

Poeticamente, Hooks (2022, p.30) narra sobre o seu lugar, que deixa lastros e afetos, do pertencimento traduzido nos lugares que transita.

Na minha infância, a estrada que mal tinha movimento não era interessante. As colinas na parte de trás de nossa casa eram o lugar da magia e das possibilidades, uma fronteira ver exuberante, onde nada produzido pelo homem poderia nos alcançar, onde poderíamos sair livres à procura de aventura.



A fala de Hooks nos leva constatar como a memória afetiva transforma espaços comuns em lugares singulares, únicos, e dialoga com Oliveira (2014, p.114), que nos provoca para pensarmos nos espaços comuns vivenciados pelas crianças, pois,

[...] escola e a sala de aula podem ser ressignificadas a partir de imagens que vêm da própria ambiência onde as crianças vivem, a cidade e seus lugares; a escola sendo o espaço/tempo do desvelar e também da possibilidade de encontrar outras narrativas.

Reavaliemos a nossa forma de ver a escola e a sala de aula, ao sugerir que elas se tornem espaços que dialogam com o mundo real das crianças, ou seja, com a própria idade e seus lugares. No lugar de um ambiente fechado, ressignificamos a escola com experiências do cotidiano do estudante, que são valorizadas e transformadas com conhecimento.

Pensar sobre a caminhada inclui considerar o caminhante (sujeito), o ato de caminhar (verbo) e o caminho (substantivo) como uma unidade tripartida povoando o mundo de sentenças, frases, tessituras, balbucios e versos, relatos de toda ordem, narrativas de forma de signos verbais e visuais compondo pensamentos coreográficos a partir das experiências sensíveis de corpos moventes nos territórios (Derdyk, 2023, p. 79).

Nesse sentido, a sala de aula se torna um ponto de encontro de diferentes narrativas, tanto as trazidas pelos alunos de suas vivências fora da escola quanto as novas narrativas que o espaço escolar pode oferecer, incentivando a exploração e a compreensão do mundo de maneira mais ampla e conectada com a realidade.



Figura 4 – Caminhada Centro de Vitória



Fonte: A autora.

As experiências sensoriais nos levam a conhecer a cidade e suas potencialidades. Enquanto caminhamos, nos colocamos como parceiros de escuta, abrimos espaço para o conhecimento, novas possibilidades, novos olhares, práticas que recebemos do outro, orientados para o conhecimento mútuo, onde as falas e as experiências de outras culturas nos afetam e nos nutrem, “porque sempre se caminha em um contexto, e esse fato nos provoca, nos leva a fazer perguntas a nós mesmos e nos obriga a fazer outras” (Labbuci, 2013, p.10).

Freire (2010) nos convida a olhar o ato de dialogar como um fenômeno humano constituído, essencialmente, pela palavra, que possui duas dimensões intimamente relacionadas: ação e reflexão. É nesse contexto que entendemos que o diálogo produzido durante as caminhadas permite que saibamos visualizar e vivenciar a diversidade, a alteridade, uma vez que, valorizamos e acolhemos as possíveis colocações do outro.

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. [...] É um ato de criação. Daí que não possa ser manhoso instrumento de que lance mão um sujeito para a conquista do outro. A conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro. (Freire, 2010, p. 91).



Constatamos que o diálogo promove a transformação do homem, por aproximar diferentes realidades, reconhecendo no outro as suas diferenças e aproximações, como em uma relação de cooperação e parceria, como nos afirma Freire.

[...] as práticas artísticas e os espaços de ensino e aprendizagem em arte incluem muitos outros lugares com públicos bastante diversos, que levam professores de arte e mediadores do fazer artístico a repensar suas práticas costumeiras, ampliando seu repertório de ideias, explorando novas possibilidades que respondam aos desafios colocados pelos espaços e pela clientela em questão (Reyli E Simão, 2022, p. 01).

3 CONCLUSÃO

Ao se aprofundar na importância do ensino da arte, o texto sugere um caminho inovador e desafiador para os futuros professores, expandindo a percepção sobre a arte, e indo além dos modelos tradicionais. A ideia central é que o futuro professor assuma um papel mais dinâmico, se adaptando a um mundo em constante mudança.

Nossa realidade, vasta e multifacetada, nos convida a criar e implementar novas metodologias. A proposta é se libertar de padrões rígidos e explorar um universo de possibilidades. O futuro professor é incentivado a sair da sua zona de conforto, a se desafiar e a buscar novas abordagens para o ensino da arte. Isso, por sua vez, enriquece seu repertório e abre caminho para novas ideias, estimulando uma participação mais engajada e ativa dos alunos.

Em essência, a visão proposta defende uma educação artística flexível, criativa e sensível. A meta é reinventar e explorar tanto os espaços quanto as práticas artísticas, a arte é uma prática de transformação, capaz de inspirar e provocar novas reflexões tanto em quem ensina quanto em quem aprende.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. O aprendizado do direito à cidade: Belo Horizonte a construção da cultura política. Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 26, p. 23-38, dez. 1997.



CARERI, F. Walkscapes: o caminhar como prática estética. Prefácio de Paola Berenstein Jacques. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2002.

DERDYK, E. (Org). Abrigar a impermanência: chão e telhado para o estudo e a pesquisa. A casa tombada (org.). São Paulo: Diálogos Embalados, 2023.

DEWEY, J. Democracia e Educação. Trad. G. Rangel e A. Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

DIAS, J. M. M. O grande jogo do porvir: a Internacional Situacionista e a ideia de jogo urbano. Revispsi.uerj.br. v.7. n.2. Rio de Janeiro. 2007.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

HOOKS, B. Pertencimento: uma cultura do lugar. Elefante editora, 2022.

LABBUCCI, A. Caminhar, uma revolução. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MEDEIROS NETA, O. M. Por uma pedagogia da cidade: espaços, práticas e sensibilidades. HOLOS, Natal, RN, v. 32, n. 5, p. 248-261, 2016.

OLIVEIRA, R. A. Encontro com o outro, formação, mediação, pesquisa e criação: possíveis entrelaçamentos. Relatório final (Pós-doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2014.

REILY, L.; SIMÃO, S. M. (Org.). Arte e ensino em espaços plurais. Cadernos Cedes, Campinas, v. 42, n. 116, p. 1-6, Jan.- abr. 2022.

RUMNEY, R. The group of Situationist International. Cosio d'Arroscia, Itália, 1957. Disponível em: https://artsandculture.google.com/asset/the-group-of-situationist-international/_QEGgBVILvIRjQ. Acesso em 08 de setembro de 2025.